



AUTISMO E FAMÍLIA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

TENSINI, Emanoele

*Estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação do Mestrado Interdisciplinar em
Desenvolvimento Comunitário
manuhzgodahotmail.com*

BAGAROLLO, MariaFernanda

*Professora do Programa de Pós Graduação do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento
Comunitário
maria.fer@uol.com.br*

FUJINAGA, Cristina Ide

*Professora do Programa de Pós Graduação do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento
Comunitário
cifujinaga@gmail.com*

47

RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar uma revisão integrativa de literatura, tomando como dados os artigos publicados nas bases SciELO e LILACS no período de 2001 a 2014, contemplando-se as publicações periódicas, que abordam a temática autismo e família. Na busca foram encontrados 23 artigos sobre o tema, considerando-se os critérios de inclusão e exclusão, foram retirados 11 artigos, restando 12 trabalhos para análise. Os achados da pesquisa foram classificados quantitativamente de acordo com o tema investigado e discutido a partir de dois eixos temáticos: as implicações negativas do autismo na família e os efeitos positivos do sujeito autista para a família. Os artigos foram quantificados a partir de estatística descritiva considerando os seguintes aspectos: a área profissional responsável pela elaboração, ano de publicação, local em que foi desenvolvida a pesquisa, tipo de pesquisa realizada/método utilizado e membro da família envolvido nos estudos. Os resultados mostram o seguinte: a área profissional que mais publicou artigos foi a psicologia, os anos de maiores publicações foram entre 2009 e 2010, prevaleceram os estudos realizados na cidade de São Paulo, o método de pesquisa mais utilizado foi a aplicação de entrevistas, e o membro da família mais envolvido nos estudos, foram os pais. Já a discussão mostrou que: a maioria dos estudos apresentaram maior predominância das implicações negativas do autismo na família, enquanto que, uma minoria apontou o membro autista como fator positivo nas relações familiares. Assim, é possível concluir que tais sentimentos atrelados a um contexto social precário, acabam promovendo um cenário decepcionante, no qual seus integrantes tentam dar continuidade de maneira desolada.

Palavras chaves: autismo, qualidade de vida e família.

ABSTRACT

This article aims to conduct an integrative literature review, taking as given the articles published in SciELO and LILACS in the period 2001-2014, covering up periodicals, related to the thematic autism and family. In search 23 articles on the subject, considering the inclusion and exclusion criteria, 11 articles were found were removed, leaving 12 studies for analysis. The research findings were quantitatively ranked according to their theme and discussed from two main themes: the negative implications of autism on the family and the positive effects of the autistic person for the family. Articles were quantified from descriptive statistics regarding the following aspects: the professional area responsible for the preparation, publication year, where it was developed research, type of survey / method used and family member involved in the studies. The results show the following: a professional



area that was published more articles psychology, most publications were years between 2009 and 2010, prevailed studies in the city of São Paulo, the most widely used research method was the use of interviews, and the member most involved in the studies, parents were family. Have the discussion showed that: most studies showing a higher prevalence of the negative implications of autism in the family, while a minority made the autistic member as a positive factor in family relationships. Thus, we conclude that such feelings tied to a precarious social context, end up promoting a disappointing scenario, in which its members try to continue desolate way.

Key-words: autism, quality of life and family.

1- INTRODUÇÃO

Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner publicou seu trabalho titulado “Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo” na revista *NervousChild*. Nesse artigo ele apresentou um novo quadro patológico ao qual nomeou de “distúrbios autísticos do contato afetivo” e revelou que os sintomas característicos eram estereotípias, ecolalia, autismo extremo e obstinação (FAVERO E SANTOS, 2005).

Inicialmente, Kanner relacionou esse quadro à esquizofrenia (FAVERO E SANTOS, 2005). Já em 1956, Kanner ainda considerou o autismo como uma psicose e relatou que todos os exames clínicos e laboratoriais demonstram resultados normais, ou seja, não exibiam relação dos sintomas com etiologia orgânica, diferenciando-o dos quadros deficitários sensoriais.

Com o passar dos anos, a tríade psicose-autismo perdeu seu espaço, e passou a ser considerada como uma patologia descrita pelas classificações americanas. Nessas publicações o autismo é considerado Distúrbio Global do Desenvolvimento e está descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (AAP, 1994). A classificação brasileira utiliza a publicação da Organização Mundial de Saúde o entende como um Transtorno Global do Desenvolvimento (CID-10, 1993). Todos os manuais de classificação entendem o autismo como uma patologia com grande variação de quantidade e qualidade de sintomas. Por fim, em 2013, foi lançado o DSM 5, (AAP, 2012), que propõe a substituição da denominação “Transtorno Global do Desenvolvimento” por “Transtorno do Espectro Autista (TEA)”.

Independente do nome atribuído ao quadro patológico, os manuais diagnósticos apresentam como tríade de sintomas a dificuldades nas relações sociais, comportamentos estereotipados e alteração no desenvolvimento linguístico (AAP, 1994; CID-10, 1993). Há



autores também que entendem o autismo como sendo um quadro clínico caracterizado por capacidades cognitivas e linguísticas atípicas e peculiares, tais como excelente memória para detalhes (LIRA, et. al., 2009).

Autores mostram que as alterações dos sujeitos com quadro dentro do espectro autístico, podem ser severas e de aparecimento precoce e com grandes variações individuais (KANNER, 1943; LIRA 2009; FERNANDES, 2009). Desta maneira, considera-se que o contexto familiar dos indivíduos acometidos por esta patologia sofre grandes transformações, além disso, vive rupturas por interromper suas atividades de vida diária, transformando o ambiente emocional no qual convive (FERNANDES, 2009; WALTER, 2010).

Isso ocorre, pois o autismo infantil exige cuidados constantes e, na maioria das vezes, são advindos dos pais ou irmãos (FERNANDES, 2009). Por esse motivo, esses membros familiares vivenciam, cotidianamente, sofrimentos econômicos, emocionais, culturais entre outros (WALTER, 2010). Assim, é fundamental o apoio aos familiares, no intuito de ajudá-los a enfrentar as dificuldades encontradas no convívio com seus filhos autistas (NOGUEIRA, et. al., 2011).

Boaventura de Sousa Santos (1988) apresenta que essas dificuldades de compreensão sobre o comportamento humano, são encontradas há muito tempo, na qual se reveste em uma estrutura complexa que é difícil ser explicada. Assim ao compararmos com as leis da sociedade, como abordado neste trabalho, os sujeitos autistas podem não ser compreendidos por muitas pessoas, mas eles possuem suas maneiras “diferentes” de viver e conviver na sociedade.

Recentemente, alguns estudos vêm mencionando que o envolvimento dos pais, cuidadores e terapeutas de crianças do espectro do autístico, apresenta como principal dificuldade a comunicação. (BALESTRO, et. al., 2012; MARQUES e ARUDA, 2007). Um deles, apresentado por Marcos e Arruda (2007), aponta para uma relação direta entre a qualidade no estabelecimento da relação da comunicação durante a terapia com o indivíduo.

Este mesmo autor ainda relata que o trocar olhares com a criança; o processo de discriminação eu/não-eu, o primitivo e fragmentado processo de construção da identidade da criança; a relação paciente-psicoterapeuta e a identificação de relações sociais, comportamentais e comunicativas são satisfatórias com a realização da terapia (MARQUES e ARUDA, 2007).



Sociologicamente a família, é definida como um sistema social, composta por subsistemas, que dependem de seu tamanho e da definição de papéis. O meio familiar é um sistema complexo de relações, emoções, sentimentos e comportamentos, e a simples descrição de seus elementos pode ser capaz de desequilibrar a complexidade relacional de sua estrutura (WALTER, 2010).

Então, tem-se de um lado uma patologia repleta de sintomas muitas vezes devastadores e do outro, segundo Walter, 2010, um sistema social complexo e de certo modo frágil e com possibilidades de desequilíbrio (AAP, 2012).

Considerando o exposto acima, a proposta do presente estudo foi analisar sistematicamente a literatura que aborda a temática autismo e família.

2- MÉTODO

Este trabalho consiste em um estudo de revisão integrativa de literatura sendo, portanto, uma pesquisa de caráter descritivo, contemplando-se as publicações periódicas, que aborda a temática autismo e família.

Foi realizada a busca de artigos, em língua portuguesa, publicados nos bancos de dados das bases SciELO e LILACS no período de 2001 a 2014. Os descritores (DeCS) utilizados para a localização dos artigos foram: autismo e qualidade de vida, autismo infantil e família, e autismo e vivências.

Foram excluídos da pesquisa: artigos publicados em idiomas diferentes do português; artigos não publicados em periódicos indexados nas bases de dados LILACS ou SciELO; artigos publicados fora do período entre 2001 e 2014. Foram incluídos no estudo artigos originais de pesquisa e de revisão bibliográfica.

Foram selecionados os estudos que se relacionavam com o objetivo da atual pesquisa. Na busca foi encontrado um total de 23 artigos sobre o tema. Considerando-se os critérios de exclusão, foram retirados 11 artigos, restando 12 trabalhos para análise.

Como forma de categorização, os dados foram analisados segundo os seguintes critérios: dados de identificação dos artigos, o ano de publicação, título e periódico, declaração dos objetivos e análise do conteúdo quanto ao tema relação família - autismo infantil. Depois de



realizadas as buscas e selecionados os artigos, os dados foram apresentados, sistematicamente, seguindo a ordem cronológica crescente e destacando o posicionamento dos autores com relação a temática autismo e família.

A partir da análise desses artigos, foi possível a elaboração de duas categorias neste trabalho.

A primeira categoria (quantitativa) é compreendida como a fase de organização, nela foram utilizados os seguintes critérios para categorização dos estudos de revisão bibliográfica: área profissional responsável pela elaboração, ano de publicação, local em que foi desenvolvida a pesquisa, tipo de pesquisa realizada/método utilizado e membro da família envolvido nos estudos. Esta etapa tem a finalidade de organizar as ideias iniciais para favorecer a análise dos artigos.

A segunda categoria (qualitativa) é composta pela codificação das informações contidas nos estudos, no intuito de evidenciar a representação simplificada dos dados brutos. Para ter qualidade, deve-se incluir: exclusão mútua; homogeneidade; pertinência; objetividade; e produtividade. Na análise de conteúdo, foi realizado o processo de categorização, onde as categorias serão entendidas como classes, que contém unidades de registro e um título genérico. As categorias foram discutidas por possuírem características comuns entre si, e sua análise foi feita segundo reagrupamentos semelhantes, a partir de dois eixos temáticos: implicações negativas do autismo na família e efeitos positivos do sujeito autista para a família.

3- REVISÃO DE LITERATURA

Esta parte do artigo destina-se à apresentação e análise dos resultados obtidos. Serão apresentados os dados quantitativos que serão distribuídos por meio de uma tabela.

Os artigos foram identificados a partir de um levantamento bibliográfico, realizado a partir das combinações dos Decs entre autismo e qualidade de vida, autismo infantil e família e autismo e vivências.

Os artigos foram selecionados com base na identificação dos quais abordavam o tema proposto pelo objetivo do presente trabalho. Em seguida foram classificados nos seguintes aspectos: área profissional responsável pela elaboração, ano de publicação, local em que foi



desenvolvida a pesquisa, tipo de pesquisa realizada/método utilizado e membro da família envolvido nos estudos.

Os resultados são descritos nas tabelas 1, 2, 3, 4, 5 apresentadas a seguir.

Tabela 1 – Área profissional

	Nº	%
Área Profissional		
Psicologia	7	58,3%
Serviço Social e psiquiatria	1	8,3%
Fonoaudiologia	1	8,3%
Enfermagem	1	8,3%
Fisioterapia/Fonoaudiologia/Terapia ocupacional	2	16,9%
Total	12	100,0%

Na tabela 1, em relação a área profissional responsável pela elaboração do artigo, notou-se que a psicologia prevaleceu entre elas, vez que 58,3% (7 trabalhos) dos artigos analisados foram publicados por profissionais desta área; 16,9% (2 trabalhos) dos artigos publicados foram da área da Fisioterapia/Fonoaudiologia/Terapia ocupacional, apresentados coletivamente. Quanto a área da psiquiatria e serviço social, fonoaudiologia, e enfermagem, foram a minoria, com incidência foi de 8,3% (1 trabalho), respectivamente. Nesta análise fica evidente que a área que mais realizou pesquisa sobre essa temática neste período de tempo selecionado, foi à psicologia.

Tabela 2 – Ano de publicação

Ano de publicação		
2001	1	8,3%
2004	1	8,3%
2005	1	8,3%



2008	1	8,3%
2009	3	25%
2010	2	16,9%
2012	1 8,3%	
2013	1	8,3%
2014	1	8,3%
Total	12	100,0%

Em relação aos anos de publicações dos artigos, notou-se que 25% dos artigos (3 trabalhos) foram publicados no ano de 2009. Ao progredir na análise, percebeu-se que, o ano seguinte ao de maior incidência, foi em 2010, com incidência de 16,9% (2 trabalhos). Quanto aos anos de 2001, 2004, 2005, 2008, 2012, 2013, 2014, totalizaram 8,3% (1 trabalho), respectivamente.

Tabela 3 – Local de estudo

Local de estudo		
Buenos Aires	1	8,3%
Pernambuco	1	8,3%
Portugal	1	8,3%
Porto Alegre	1	8,3%
Ribeirão Preto	1	8,3%
Rio de Janeiro	1	8,3%
São Paulo	5	42%
Teresina	1	8,3%
Total	12	100,0%



Em relação ao local que foram desenvolvidas as pesquisas, verificou-se que 42% (5 trabalhos) foram realizados em São Paulo; enquanto que o restante dos locais de realização, foram realizados com incidência de 8,3% (1 trabalho), cada local com apenas um trabalho respectivamente.

Tabela 4 – Membro da família envolvido

Membro da família envolvido		
Irmãos	2	16,9%
Irmãos e Pais	1	8,3%
Pais	9	74,8%
Total	12	100,0%

No tocante ao membro da família envolvido nos estudos, a predominância foi em relação aos trabalhos que apresentavam apenas os pais como elemento envolvido, com incidência de 74,8% (9 trabalhos); 16,9% (2trabalhos) apresentaram apenas irmãos envolvidos, e somente 8,3% (1 trabalho) apresentaram os pais e irmãos envolvidos na mesma pesquisa.

Tabela 5 – Tipo de Estudo

Tipo de estudo		
Revisão de literatura	3	25%
Aplicação de questionário	3	25%
Aplicação de entrevista	4	33,4%
Observação de filmagens e após classificação com base em protocolo	1	8,3%
Análise crítica	1	8,3%
Total	12	100,0%



Quanto ao tipo de estudo realizado na pesquisa, observou-se que a realização de entrevistas predominou, com incidência de 33,4% (4 trabalhos); a aplicação de questionário e revisão de literatura apresentaram incidência de 25% (3 trabalhos) respectivamente; enquanto que a observação de filmagens e após classificação com base em protocolo e a análise crítica tiveram 8,3% de incidência (1 trabalho).

Como nas demais etapas da pesquisa a fase de análise dos dados também revelou outro dado importante, que proporcionou dois novos eixos a serem discutidos. Os estudos mostraram que alguns familiares não percebem o membro autista da família como fator negativo para o convívio familiar, enquanto que alguns estudos apontam a existência deste membro como fator dificultoso para a vida dos restantes dos familiares.

Destarte, após a análise dos conteúdos das entrevistas, criou-se uma relação entre os dados das entrevistas, os conteúdos teóricos e a construção subjetiva das pesquisadoras, dando origem as seguintes subcategorias:

- Implicações negativas do autismo na família.
- Efeitos positivos do sujeito autista para a família.

A revisão da literatura entre os estudos encontrados na área sobre a relação que aborda autismo e família, mostrou que são raros os trabalhos que apresentam a temática positiva deste tema pela análise subjetivas dos familiares.

Na análise dos estudos apenas 33% deles apontam como fator positivo (4 trabalhos) o membro autista nas relações familiares.

Desse modo, os estudos de Marques e Dixe (2010), e Fernandes e Vieira (2012) indicam que os irmãos e famílias dos membros autistas não apresentam uma qualidade de vida significativamente prejudicada e que essas famílias apresentam uma adaptabilidade flexível, o que evidencia tipos de famílias equilibradas e muito equilibradas. Mostram-se mais fortes, reorganizam seus compromissos e deveres, com um sentido de continuidade, como se fosse uma missão.

Marques e Dixe (2010) ainda demonstram em seu trabalho que um dos fatores evidenciados em seu estudo que contribui para a qualidade de vida dos irmãos dos sujeitos com autismo, é, por exemplo, o atendimento frequente deste pelos profissionais ao serviço de fonoaudiologia.



As famílias de crianças autistas não possuem menos filhos que a população em geral (MARQUES e DIXE, 2010).

Fernandes, et al (2010), demonstra em seu trabalho que na realização da pesquisa, através da aplicação de questionários, percebeu-se que as mães mostraram-se satisfeitas e que não atribuem grandes problemas as suas vidas, condicionada pela doença dos seus filhos. Porém, as autoras abordam que esses dados podem não ser fidedignos devido a uma interferência não prevista, possivelmente relacionada ao fato de esses questionários terem sido aplicados no mesmo serviço em que as crianças recebem atendimento pelas profissionais que fizeram esta pesquisa.

Gomes e Bosa (2004), também apresentaram características semelhantes ao estudo citado no último parágrafo. Em sua pesquisa evidenciaram que a presença de um membro autista na família não representa, obrigatoriamente, um evento adverso para os irmãos, desde que haja qualidade nas relações familiares e uma rede de apoio. Porém no final desta pesquisa a autora contrapõe sua opinião, relata que fatores como: pequeno tamanho da amostra, possíveis dificuldades em relação à compreensão de alguns itens da escala de estresse utilizada e aspectos relacionados à severidade dos sintomas dos irmãos com autismos, os quais não foram controlados nesse estudo, podem ter interferido para ausência de estresse nessas famílias.

No entanto, cerca de 66% dos estudos analisados, mostram maior predominância das implicações negativas do autismo na família.

Esse dado fica evidente nos estudos apresentados por Untoiglich (2013), Silva (2014), Favero-Nunes e Gomes (2009), e Favero, et. al., (2005) nos quais encontramos que os pais com esses filhos, deixam de fazer coisas que seu próprio senso comum os possibilitaria fazer com qualquer outro filho, encontram dificuldades na compreensão, no convívio diário, comunicação e interação com este, além do estresse, a sobrecarga principalmente de natureza emocional. Renunciam à carreira profissional, à vida social e às relações afetivas em prol dos cuidados maternos.

Fernandes (2009), Monteiro, et. al, (2008), e Sprovieri, Assumpção Jr (2001), trazem que a dinâmica familiar do autista é dificultadora da saúde emocional dos membros do grupo. Revelam que as mães vivenciam a facticidade de ter um filho autista permeada por sentimentos de nulidade, fé e solidão.



Nesse sentido, é imprescindível atuar na perspectiva de um espaço terapêutico mais constante para essas famílias, através de uma equipe interdisciplinar, para que possa, de forma conjunta, realizar atendimentos com a finalidade de discutir como os familiares contemplam as situações dos indivíduos autistas. Desta maneira a equipe pode fornecer subsídios para que a realidade do autista seja compreendida.

Nesta perspectiva há troca e cooperação entre as disciplinas, na qual se diz que há uma associação entre elas por conta de um objetivo que lhes sejam comuns (MORIN, 2003).

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que existe um número reduzido de artigos publicados em periódicos que envolvam membros da família de sujeitos autistas. Foi possível concluir também que os estudos analisados envolvem apenas os pais dos sujeitos com autismo e em minoria os irmãos.

Conclui-se ainda, que, a maior parte dos artigos utilizou como método de pesquisa a aplicação de entrevista nas amostras selecionadas, seguido com menor incidência à aplicação de questionários e revisão de literatura.

Na maioria dos artigos, a área profissional que mais publicou artigos foi a psicologia. O índice de artigos publicados por outras áreas profissionais foi baixo.

Dentre os locais que foram desenvolvidos as pesquisas, prevaleceram os estudos na cidade de São Paulo, enquanto que, os outros locais estudados apresentaram baixa incidência. Já em relação ao ano de publicação, observa-se que, de uma maneira geral, a incidência de publicações entre os anos de 2001 a 2014 manteve-se constantes, com exceção nos anos de 2009 e 2010, que foi o período de maior publicação desses estudos.

Na interlocução com o legado da literatura, percebe-se que são diversas as inquietações e dilemas das famílias de crianças autistas no critério intelectual, social, e principalmente no fator emocional. Contudo os estudos revisados ressaltam que, há uma tendência de famílias com membros autistas apresentar este fator como implicações negativas para o seu desenvolvimento, tanto no tocante social quanto nas relações familiares. Foram poucos os artigos que apresentaram boa qualidade de vida pelos familiares, quando estes possuem um membro autista.



Conclui-se que tais sentimentos atrelados a um contexto social precário, acabam promovendo um cenário decepcionante, no qual seus integrantes tentam dar continuidade de maneira desolada. Desta maneira notou-se a necessidade de um espaço terapêutico mais constante e a formação de equipes interdisciplinares para promover auxílio e implementar estratégias que facilitem e orientem o convívio e inserção dos indivíduos autistas na comunidade.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(AAP). Associação Americana de Psiquiatria. *Manual de estatística e diagnóstico de transtornos mentais (DSM IV)*. Vol.4. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

(AAP) Associação Americana de Psiquiatria (AAP). (2012, 20 de janeiro). *DSM-5 Critérios propostos para o Transtorno do Espectro do Autismo Projetado para permitir o diagnóstico mais preciso e tratamento* –lançado 03-2012. Recuperado de <<http://www.dsm5.org/Documents/12-03%20Autism%20Spectrum%20Disorders%20-%20DSM5.pdf>>

BALESTRO, Juliana Izidro e FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. *Questionário sobre dificuldades comunicativas percebidas por pais de crianças do espectro do autismo*. Rev. soc. bras. fonoaudiol. 2012, vol.17, n.3, pp. 279-286.

FAVERO, Maria Ângela Bravo e SANTOS, Manoel Antônio dos. *Autismo infantil e estresse familiar: Uma Revisão Sistemática da literatura*. Psicol. Reflexo. Crit.2005, vol.18, n.3, pp 358-369.

FAVERO-NUNES, Maria Angela; GOMES, Isabel Cristina. *Transtorno autístico e a consulta terapêutica dos pais*. Psico (São Paulo-SP); jul.-set. 2009, vol. n.403,pp. 346-353.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. *Famílias com crianças autistas na literatura internacional*. Rev. soc. bras. fonoaudiol. 2009, vol.14, n.3, pp. 427-432. ISSN 1982-0232.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; AMATO, Cibelle Albuquerque de La Higuera; Balestro, Juliana Izidro e MOLINI-AVEJONAS, Daniela Regina. *Orientação de Mães de Crianças fazer Espectro autístico a Respeito da Comunicação e linguagem*. J. Soe. Bras. Fonoaudiol. 2011, vol.23, n.1, pp. 1-7.

GOMES, Vanessa Fonseca e BOSA, Cleonice. *Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com transtornos globais do desenvolvimento*. Estud. psicol. (Natal) 2004, vol.9, n.3, pp. 553-561.



- Kanner L. *Autistic disturbances of affective contact*. *Nerv Child* 1942; 2: 217-50.
- Kanner L. *Early infantile autism – 1943-1955*. *J Orthopsychiat* 1956; 26:55-65.
- LAMPREIA, Carolina. *Perspectivas da pesquisa prospectiva com bebês irmãos de autistas*. *Psicol. cienc. prof.*, 2009, vol.29, no.1, p.160-171.
- LIRA, Juliana Onofre de; TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy and OSBORN, Ellen. *O relato de histórias em crianças do espectro autístico: um estudo preliminar*. *Rev. CEFAC*. 2009, vol.11, n.3, pp. 417-422.
- MARQUES, Carla Fernandes Ferreira da Costa e ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. *Autismo infantil e vínculo terapêutico*. *Estud. psicol. (Campinas)* 2007, vol.24, n.1, pp. 115-124.
- MARQUES, Mário Henriques e Dixe, Maria dos Anjos Rodrigues. *Crianças e Jovens autistas: Impacto na Dinâmica familiares Pais e Pessoal de seus*. *Rev. psiquiatr. clín.* 2011, vol.38, n.2, pp 66-70.
- MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza et al. *Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem*. *Rev. bras. enferm.* 2008, vol.61, n.3, pp. 330-335.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128p.
- NOGUEIRA, Maria Assunção Almeida e MARTINS DO RIO, Susana Carolina Moreira. *A Família com Criança Autista: Apoio de Enfermagem*. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*. 2011, n.5, pp. 16-21.
- Organização Mundial de Saúde (OMS). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento do CID – 10*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.
- SILVA, Antônio Ricardo Rodrigues da. *Autismo na Criança e Seu Impacto sobre a Família*. *Pediatr. mod; (Recife – PE)*: maio 2014
- SOUSA SANTOS, Boaventura de (1987); *Um Discurso sobre as Ciências*; Edições Afrontamento; Porto; 1988.
- SPROVIERI, Maria Helena S. e ASSUMPCAO JR, Francisco B. *Dinâmica familiares de Crianças autistas*. *Arq. Neuro-Psiquiatr.* 2001, vol.59, n.2A, pp 230-237.
- UNTOIGLICH, Gisela. *As Oportunidades Clínicas com Crianças com Sinais de autismo e seus pais*. *Estilos clin.* 2013, vol.18, n.3, pp 543-558.
- VIEIRA, Camila Bolivar Martins e FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. *Qualidade de Vida em Irmãos de Crianças incluídas no Espectro do autismo*. *Codas* 2013, vol.25, n.2, pp 120-127.



WALTER, Cátia e ALMEIDA, Maria Amélia. *Avaliação de um Programa de Comunicação Alternativa e ampliada de para mães de adolescentes com autismo*. Rev. bras. educ. espec. 2010, vol.16, n.3, pp 429-446.